**Dr. David Turner, Matthew
Aula 4B, Mateus 8-9: Os atos de autoridade de Jesus**

Saudações, aqui é David Turner, e esta é a Aula 4B, A Autoridade de Jesus em Mateus 8 e 9. Estamos reunindo para esta aula uma análise da estrutura de Mateus 8 e 9, juntamente com alguns comentários sobre alguns dos principais assuntos ali. Vocês notarão, por favor, nas páginas 20 e 21 dos materiais suplementares que começamos com a análise de Mateus 8 e 9. Por favor, consultem a página 21, dos materiais suplementares, onde notamos que, depois de Jesus nos ter dado o Seu ensinamento autoritativo, como Mateus nos apresentou nos capítulos 5 a 7, o Sermão da Montanha, agora Mateus nos apresenta Jesus como um realizador autoritativo de atos milagrosos. Assim, temos as palavras e as obras milagrosas de Jesus, ambas calculadas por Mateus para nos demonstrar a autoridade de Jesus.

Observe como Mateus 7:28 e 29 deixam claro que o Sermão da Montanha é a palavra autoritativa de Jesus, e observe como o capítulo 8, versículo 9, bem como o capítulo 9, versículos 6 a 8, enfatizam a autoridade de Jesus explicitamente e, claro, implicitamente, Seus feitos milagrosos também o fazem. Portanto, parece que o que Mateus nos deu nos capítulos 8 e 9 é uma seleção dos milagres de Jesus, que complementa Seus ensinamentos, e Ele nos mostrou que Jesus é uma pessoa que ensina sob a autoridade de Deus, com a autoridade de Deus, e que age com a autoridade de Deus. Esses milagres nos capítulos 8 e 9, como afirmamos na página 21, no gráfico ali, não estão simplesmente lançados aqui aleatoriamente, mas estão organizados em um padrão muito interessante.

Observe na metade inferior da página 21 que temos três conjuntos, ou três ciclos, se preferir, de três milagres de cura, seguidos de material sobre discipulado. No primeiro ciclo, no capítulo 8, versículos 1 a 17, temos a cura do leproso, do servo do centurião e da sogra de Pedro, seguida pela discussão com os dois aspirantes a discípulos. No segundo ciclo, de 8:23 a 9:8, temos três milagres: o acalmar da tempestade, os endemoninhados e o paralítico, seguidos por Jesus respondendo a algumas perguntas dos fariseus sobre Sua associação com pecadores, e uma pergunta dos discípulos de João sobre por que seus discípulos não jejuavam, onde ele enfatiza a noção de novidade teológica, de 9:9 a 17.

Em seguida, temos o terceiro ciclo, com os milagres de 9:18 a 34, onde uma filha e uma mulher são curadas em uma história, seguidas pela cura de um cego e a expulsão de demônios, concluindo com as observações comoventes de nosso Senhor quando Ele olha para Israel como ovelhas sem pastor e chama os discípulos a orar por mais trabalhadores para a colheita. Portanto, essa é provavelmente a melhor maneira de analisar o que temos nesses capítulos em geral, como histórias alternadas, enfatizando o poder de Jesus para realizar milagres, demonstrando Sua autoridade como aquele que pode perdoar pecados na Terra, 9 :6 a 8, e Sua necessidade contínua de mais discípulos e a necessidade de confrontar discípulos que não têm a cabeça no lugar, por assim dizer. Com esse contexto em mente, vejamos o ciclo número um em Mateus, capítulo 8, versículos 1 a 22.

Três histórias de milagres que compõem o primeiro conjunto de Mateus são sobre um leproso, um centurião romano e uma mulher. É interessante que a primeira e a terceira histórias sejam sobre judeus e ambas concluam com citações das escrituras: Levítico 13:49, 14:2 e 8:4, e Isaías 53:4 e 8:17. Embora a segunda história não contenha uma citação das escrituras, ela é, ainda assim, a história em destaque neste conjunto porque recebe mais espaço do que as outras duas e porque enfatiza o tema-chave de Mateus 5 a 9: a autoridade de Jesus.

Também enfatiza a fé de um gentio, 8:10 a 12, outro tema-chave de Mateus . Jesus e os forasteiros. Por que Mateus selecionou, dentre as muitas histórias que evidentemente estavam disponíveis para ele, essas três sobre um leproso, um gentio e uma mulher? É muito provável que a seleção tenha sido feita para mostrar Jesus como um amigo para aqueles que eram impotentes na sociedade judaica.

O leproso era cerimonialmente impuro e, portanto, teria sido expulso de todas as funções sociais e religiosas judaicas. O oficial romano, é claro, teria poder militar sobre os judeus cujas terras seu império ocupava, mas, devido à sua etnia, não teria qualquer influência religiosa. A sogra de Pedro não teria nenhuma limitação cerimonial ou étnica, mas seu sexo a impediria de muitos privilégios disponíveis apenas aos homens.

Nenhum desses três teria podido ser admitido na corte de Israel, no templo, onde os homens judeus apresentavam suas ofertas aos sacerdotes. No entanto, são essas pessoas que, por diversas razões, estavam à margem, e não no centro da sociedade, cujas histórias de cura Mateus conta. Mateus não apresenta histórias sobre a elite social de sua época, mas sim histórias sobre aqueles que não tinham status.

Por que isso acontece? Mateus se interessa constantemente por aqueles que estavam em dificuldades, pois sabe que eles frequentemente se mostram surpreendentemente abertos à mensagem do Reino. Da mulher vulgar na genealogia de Jesus em Mateus 1 ao aparecimento dos astrólogos bizarros em Mateus 2, passando pelos curados em Mateus 8, e assim por diante ao longo de seu Evangelho, Mateus frequentemente mostra aos seus leitores que Jesus não apenas salvará seu povo de seus pecados, mas também que seu povo é um grupo incrivelmente diverso. A comunidade de Mateus era provavelmente composta por judeus cristãos, e era crucial que eles reconhecessem sua missão de discipular não apenas sua própria nação (Mateus 10:5 e 6), mas também todas as nações (Mateus 24:14 e 28:19).

Mateus, portanto, apresenta Jesus não apenas como o messias de todas as nações, mas também como o modelo de ministério que leva o messias a todas as nações. Os discípulos de Jesus na comunidade de Mateus devem superar seus escrúpulos compreensíveis, porém equivocados, em relação à pureza ritual, ao exclusivismo étnico e aos estereótipos sexuais, e assim deve qualquer comunidade cristã hoje examinar sua própria miopia e áreas comparáveis. Quaisquer que sejam as visões culturalmente influenciadas sobre doença, etnia e sexo, é preciso submeter-se ao modelo do mestre e amar os de fora como ele fez.

Tanto o comentário de Bruner quanto o de Keener apresentam bons insights sobre este material. Em seguida, algo que surge aqui e que é bastante desafiador é a questão da cura e da expiação, visto que Mateus 8:17 cita Isaías 53:4 em referência ao ministério de Jesus, sua morte e sua relação com a cura física. É útil notar que a dor, a doença e a morte estavam originalmente enraizadas no pecado, de acordo com Gênesis 3, e que a redenção do pecado resultará, em última análise, na redenção do corpo, Romanos 8:23, e no fim da dor, Apocalipse 21:4. Mateus via as curas e os exorcismos realizados por Jesus como indicações da presença do reino em rupturas dessa realidade futura.

Veja 11:2 a 6 e 12, especialmente 12:28, 29. Portanto, Mateus conecta a cura de doenças físicas realizada por Jesus ao seu ministério de cura, bem como à sua morte substitutiva. Em conexão com a mensagem do Reino, as curas são símbolos dos resultados escatológicos finais da redenção de Jesus.

Embora alguns tenham exagerado na importância disso, interpretando-o como apoio à noção de que os cristãos jamais precisam adoecer, a resposta à eterna questão sobre se há cura na expiação é sim. Mas isso deve ser qualificado, ressaltando que tal cura é garantida para todos apenas no aspecto futuro do reino. Há experiências individuais de cura na era atual, mas estas não justificam a conclusão de que os cristãos podem simplesmente nomear e reivindicar sua cura porque ela já foi garantida pela expiação.

Mateus 8:17 aplica Isaías 53:4 ao ministério terreno de Jesus, não à sua morte expiatória. O objetivo desses milagres é enfatizar a autoridade única de Jesus, não as bênçãos que ele traz ao seu povo. Mateus 8 e 9 tratam de cristologia, não de terapia.

O papel da fé nessas três curas não é uniforme. A fé estava obviamente envolvida nas duas primeiras curas, a do leproso e a do servo do oficial, mas, no último caso, não foi a fé do servo, mas a do oficial. No terceiro caso, o da sogra de Pedro, não há indícios de que a fé de alguém tenha precipitado a cura.

Talvez sejam as palavras do leproso que melhor sugerem uma visão apropriada da cura . O leproso sabe que Jesus pode curá-lo se Ele desejar. Isso coloca onipotência e providência lado a lado.

Não há dúvida quanto ao primeiro ; Jesus é capaz, mas o leproso não presume a soberania de Jesus. Isso seria colocar o Senhor à prova. O discípulo não pode ditar que Deus está disposto a curar, mas deve descansar em uma providência soberana que não comete erros.

O leproso não é deficiente em fé, mas é surpreendentemente proficiente em sabedoria espiritual. A seguir, comentamos brevemente sobre os dois indivíduos que queriam ser discípulos de Jesus em 8:18 a 22. Esses dois indivíduos que falam com Jesus sobre discipulado ilustram problemas opostos.

O primeiro Em 8:18 a 20, Jesus é levado pelo entusiasmo emocional, mas não considerou racionalmente o sacrifício envolvido em um ministério itinerante. Talvez sua mente esteja em todos os milagres que Jesus vem realizando, e ele deseja continuar a vivenciar esses eventos gloriosos. Mas haverá milagreiros que não serão reconhecidos por Jesus como seus no julgamento final, de acordo com 7:21 a 23, e os verdadeiros discípulos devem estar dispostos a serem privados das necessidades básicas da vida .

Um segundo indivíduo tem uma compreensão mais realista do sacrifício envolvido no ministério de Jesus, evidentemente. Ele deseja adiar o seguimento de Jesus até poder enterrar seu pai, uma desculpa que parece legítima em vista de Gênesis 50, versículo 5, Êxodo 20, versículo 12, e Deuteronômio 5:16. O próprio Jesus, no contexto de desmascarar as tradições dos fariseus, reafirmou a Torá sobre a necessidade de honrar os pais em 15:4 a 6. Mas, por mais severo que pareça, Jesus ensina que as exigências de seu reino revisam as noções de família. Compare 10:37, 13:46 a 50.

Nenhum desses dois indivíduos é o que constitui um discípulo fiel. O entusiasmo do primeiro se deve à sua ignorância do custo do discipulado, e a timidez do segundo se deve à sua consciência desse custo. Jesus precisa de pessoas que tenham calculado o custo do discipulado, pessoas cuja fé seja temperada por uma compreensão realista das privações que podem advir àquele que segue Jesus.

Compare 10:34 a 39, 16:24, 25 e outras passagens. Espera-se que ambos os indivíduos tenham sido levados por essas repreensões a se autoavaliarem e, mais tarde, a seguirem Jesus. Mas o silêncio da narrativa de Mateus é preocupante.

Passamos agora para o segundo ciclo e discutimos a questão do milagre da tempestade acalmada. Ao acalmar a tempestade, Jesus se mostrou o Senhor da natureza, mas parece claro, pela forma como Mateus conta a história, que o milagre da natureza visa ensinar sobre o discipulado. Jesus planeja ir para o outro lado do Mar da Galileia, de acordo com 8:18. Dois aspirantes a discípulos aparentemente atrasam a viagem, mas suas entrevistas com Jesus ensinam ao leitor lições importantes sobre seguir Jesus.

Assim que a viagem começa, a tempestade irrompe, e a pouca fé dos discípulos, compare 6:30 , 14:31 e 16:8, é posta à prova. É fé genuína, mas lamentavelmente limitada em sua consciência do poder de Jesus. Após o desafio da tempestade e a repreensão de Jesus, a fé deles foi aparentemente fortalecida.

A preocupação mais crítica dos discípulos de Jesus não são as potenciais perseguições ou desastres que possam enfrentar. Em vez disso, é a qualidade de sua fé, que é diretamente proporcional à precisão de sua percepção de Jesus, o objeto de sua fé. Nesse ponto, é instrutivo recordar 8:26, onde, em meio a um desastre em andamento, quando o barco está prestes a afundar, Jesus aborda a fé fraca dos discípulos antes de repreender a tempestade.

Isso indica que a primeira prioridade dos discípulos, tanto antigos quanto modernos, deve ser concentrar-se no poder de Jesus, não no poder das tempestades da vida, que ameaçam vencê-los. Pode parecer que Jesus está dormindo, alheio às dificuldades deles, mas ele é capaz de lidar com elas facilmente, enquanto seus discípulos mantêm a fé nele. Eles devem compreender que Jesus, o objeto de sua fé, é capaz de levá-los ao outro lado do lago.

Mateus 8 conclui com o exorcismo dos endemoninhados gadarenos, que é a segunda história de milagre no segundo conjunto de histórias de milagres de Mateus. Mateus 9 concluirá o segundo conjunto com a história da cura do paralítico em 9:1-8. A possessão demoníaca aparece com frequência em Mateus. Obtenha sua concordância e você poderá descobrir isso por si mesmo.

Mas os detalhes deste incidente em particular são notáveis. Anteriormente, Jesus havia expulsado demônios e acabado de acalmar a tempestade. Mas aqui, sua única palavra, "vai", demonstra sua autoridade sobre demônios, animais e o Mar da Galileia.

A autoridade das palavras de Jesus (7:28-29) e dos atos (8:9-9:6) é apenas um ponto-chave desta história, assim como em todo o texto de Mateus 8 e 9. Mas este episódio mostra que a autoridade de Jesus opera paralelamente à sua misericórdia. Jesus se relaciona com esses endemoninhados perigosos com a mesma compaixão que está implícita em seu ministério desde 4:23 e que se tornará explícita em 9:36 como modelo para a missão dos próprios discípulos no capítulo 10. Evidentemente, a terra dos gadarenos era uma terra gentia.

A rejeição de Jesus pelos habitantes pode ser comparada a 10:13-15, onde os discípulos são avisados de que sua viagem missionária também resultará em rejeição em algumas famílias e aldeias. A rejeição de Jesus é exemplar para seus discípulos, que não devem se considerar superiores ao seu mestre. Em vez disso, devem enfrentar a rejeição e a perseguição de forma realista, com fé, não com medo, 10:24-33. Todos os que ministram para Jesus precisam ser lembrados de que, às vezes, suas melhores intenções para com os descrentes serão recebidas de forma negativa.

Compare com 7 :6. Aqueles que não conhecem Jesus frequentemente deixam claro que não querem saber sobre Ele. Aqueles que rejeitam sua autoridade excluem-se de sua misericórdia. O comentário irônico de Carson sobre os gadarenos expressa isso bem.

Preferiam porcos a pessoas , porcos ao Salvador. Mas a graça de Deus ainda hoje pode transformar aqueles que rejeitam Jesus em seus seguidores, quando o evangelho é fielmente proclamado pelas palavras e ações dos cristãos. Mateus 9-8 completa o segundo conjunto das três histórias de milagres com o relato da cura do paralítico.

A cura do paralítico estende a autoridade de Jesus ao seu aspecto mais crucial: o perdão dos pecados. Os leitores de Mateus talvez já tenham visto como Jesus ensinava com autoridade no Sermão da Montanha, 7:28-29, e também estão cientes de seus atos autoritários de cura, mesmo à distância, em 8:9. Mas a autoridade sobre o perdão dos pecados é muito maior do que palavras e ações autoritárias. A autoridade para perdoar pecados chega à raiz dos problemas e doenças, que são os sintomas do pecado.

Pode-se ensinar contra o pecado, mas isso não faz com que ele cesse, muito menos garante seu perdão. Pode-se curar pessoas doentes, mas mais cedo ou mais tarde elas adoecerão novamente e, por fim, morrerão. A autoridade de Jesus nesses domínios, por maior que seja, empalidece em comparação com sua autoridade para perdoar os pecados que são a raiz de todos os outros problemas.

Tal autoridade está no cerne da missão de Jesus de salvar seu povo dos seus pecados, 1:21, dando a sua vida em resgate por eles, 20:28, inaugurando assim a nova aliança. 26:28 comparado a Jeremias 31:31. Como filho amado de Deus, Jesus age com uma prerrogativa divina. Ele não blasfema; ele salva.

A relação entre pecado e doença é uma questão complexa. Os humanos não têm a percepção necessária para diagnosticar se o pecado é a causa da doença em casos individuais. No entanto, é possível que Jesus, por meio do Espírito, soubesse que a doença daquele homem era devida ao pecado, ou pelo menos Brunner argumenta dessa forma.

E também é possível que sua doença fosse psicossomática, e que o perdão de seus pecados tenha libertado sua mente da culpa e, assim, o curado. É assim que Barclay interpreta. Tenho minhas dúvidas.

Mateus não se concentra, porém, no motivo da paralisia do homem, mas na autoridade de Jesus para perdoar seus pecados. Na era atual, os justos podem sofrer muitas enfermidades físicas. Mas, na história da redenção, a doença e a morte humanas são, em última análise, resultados do pecado humano.

Gênesis 3. Os seres humanos se encontram presos no turbilhão da doença e da morte por causa da rebelião de nossos primeiros pais. Mas, por meio da obediência do último Adão, a nova humanidade pode encontrar libertação imediata da escravidão do pecado e também a cura física definitiva. Compare com Salmo 103 :3.

As curas de Jesus são um sinal de que a derrota definitiva do pecado e de Satanás começou. É significativo que a descrição que Mateus faz da resposta de Jesus aos líderes judeus aqui não seja conciliatória, mas confrontativa. A acusação de blasfêmia contradiz a posição única de Jesus como Filho de Deus, e nenhum acordo gentil é possível neste caso.

E, infelizmente, as coisas só vão piorar, como 9:34 logo indicará. Após nossas três histórias de milagres, passamos agora ao material sobre discipulado no segundo ciclo. Primeiro, a resposta de Jesus aos fariseus.

Após ler os pensamentos de certos escribas na última perícope, Jesus agora responde às perguntas indignadas dos fariseus. Esta perícope esclarece a missão de Jesus ao relatar eventos que ocorreram após o chamado de Mateus em 9:9. Após ser chamado, Mateus oferece um jantar para seus antigos e novos companheiros, 9:10.

Certos fariseus perguntam acusadoramente aos discípulos de Jesus sobre seus companheiros sociais, 9:11. O ensinamento da missão de Jesus decorre dessa controvérsia. 9:12 e 13, compare com Oseias 6:6.

Como o mestre supremo e definitivo da lei, 5:17, Jesus exemplifica os ideais de Oseias 6:6 ao chamar Mateus, o publicano, para ser seu discípulo e ao associar-se com publicanos e pecadores. Embora os fariseus sem dúvida conhecessem esse teste, não compreendiam sua aplicabilidade à questão da associação com os rejeitados. Jesus já havia exemplificado tais ideais em seu ministério ao leproso, ao oficial romano e à sogra de Pedro, em 8:1-17.

O ministério do seu reino não é limitado por impurezas rituais, etnia ou gênero, e estigmas sociais também não limitarão seu alcance. O principal atributo de Deus em seu relacionamento com humanos pecadores é a misericórdia. Portanto, o desejo principal de Deus para o seu povo é que demonstrem misericórdia, não que ofereçam sacrifícios.

Mateus retrata o ministério de Jesus aos rejeitados como a personificação desse ideal. Não é que Jesus minimize a adesão à lei nem ao sistema sacrificial, mas que, para ele, a adesão à lei começa com um coração compassivo. Davies e Allison expressam bem em seu comentário: a observância do culto sem fé interior e lealdade sincera é vã.

Compare a história semelhante sobre Zaqueu em Lucas 19:1-10. Mas certos fariseus se opõem a esse modelo de ministério. Mateus habilmente apresenta a oposição dos líderes judeus a Jesus como se tornando cada vez mais pronunciada.

Aqui, os fariseus questionam Jesus indiretamente por meio de seus discípulos, mas posteriormente as perguntas de vários líderes judeus serão dirigidas diretamente a ele. Por fim, Jesus inverte a situação e faz uma pergunta que eles não conseguem ou não querem responder, encerrando assim o padrão de interrogatório. Observe isso especialmente no final do capítulo 22.

A interação social de Jesus com pecadores notórios escandalizava os fariseus de sua época e, da mesma forma, tende a constranger aqueles em nossos dias, cujas visões de separação do mundanismo enfatizam aspectos externos em vez da integridade pessoal. Jesus e seus discípulos não tinham escrúpulos em se associar com pecadores, e os cristãos de hoje não ousam esconder sua luz sob um cesto devido a escrúpulos legalistas. A associação com descrentes deve ser tratada com sabedoria para evitar concessões éticas, mas o medo de tal concessão não pode se tornar uma desculpa para o isolamento daqueles que mais precisam da mensagem do reino, 5:13-16. Associar-se a eles é a maneira de convocá-los ao arrependimento.

A segunda parte das histórias de discipulado neste segundo ciclo trata da resposta de Jesus aos discípulos de João Batista sobre o jejum. Os discípulos de Jesus não seguiam as práticas tradicionais dos fariseus. Eles desfrutam da comunhão à mesa com pessoas indesejáveis e não jejuam.

Portanto, novamente, a questão fundamental é a relação de Jesus, seus ensinamentos e seus discípulos com Moisés, sua lei e seus discípulos, os fariseus. Embora muitos intérpretes argumentem que esta perícope demonstra a incompatibilidade fundamental entre Jesus e Moisés, Israel e a Igreja, lei e graça, essa visão não se sustenta à luz de 5:17-20. Uma abordagem mais sutil é necessária, uma que leve em conta a presença temporária do noivo com os convidados do casamento. Uma celebração de casamento obviamente exige um banquete, não um jejum.

Durante o curto período de júbilo messiânico em que Jesus está com seus discípulos, o jejum é inapropriado. Mas Jesus nem sempre estará com os discípulos, então o tempo em que estiver com eles deve ser caracterizado por extraordinária alegria e devoção. Depois que Jesus for levado, seus discípulos jejuarão novamente.

Mateus 9:14-17 é, sob qualquer interpretação, um texto-chave sobre a questão da continuidade e descontinuidade na teologia bíblica. Embora tenha sido argumentado acima que o texto não ensina um supersessionismo contundente no qual Jesus substitui Moisés, fica claro que, quando os discípulos jejuam após Jesus ter sido levado, eles não voltam a jejuar como se ele nunca tivesse vindo. Jesus não endossa as tradições farisaicas de jejum, mas ensina seus seguidores como jejuar em Mateus 6:16-18. O que Jesus quis dizer com a cláusula final da perícope para que ambos sejam preservados? Ele quis dizer que os odres novos e o vinho novo são ambos preservados? Ou que os odres velhos e o vinho novo são ambos preservados? À luz de Mateus 5:17-20, no ensino geral de Mateus, parece que a segunda opção é a melhor.

Jesus, como o mestre supremo de Israel, preserva a lei e os profetas, cumprindo-os, não apenas reiterando ensinamentos passados, o que exagera a continuidade, ou descartando abertamente ensinamentos passados, o que exagera a descontinuidade. O jejum é preservado, mas no novo contexto da justiça do reino inaugurado , não no antigo contexto da tradição farisaica. Agora, entramos no terceiro ciclo de curas e milagres, com histórias de milagres e discipulado em Mateus 8 e 9. Em Mateus 9.18 e seguintes, Jesus está mais uma vez respondendo a pessoas em necessidade física, mas o tema familiar é reiterado aqui de forma incomum, com uma história em 9:20-22 dentro da estrutura de outra história, que começa em 9:18-19 e termina em 9:23-26. Ambas as histórias enfatizam a atividade da fé em iniciar o toque como meio de cura.

Em comparação com Marcos e Lucas, a versão de Mateus da história dupla é bastante condensada. A inserção da história da cura da mulher no meio da história da ressurreição da filha do oficial atrasa o desfecho da história inicial e aumenta o suspense do leitor. Os dois milagres nesta história dupla abordam duas questões básicas da existência humana: a profundidade do amor parental e a dor da doença crônica.

Neste caso, a doença crônica resulta em ostracismo social devido à impureza ritual. O amor do chefe da sinagoga por sua filhinha confronta o poder da morte quando ele toma a iniciativa de implorar para que Jesus a toque e a cure. O poder de Jesus derrota o poder da morte, e uma família é poupada dos efeitos devastadores da perda de um filho.

Quando se tem em mente a concepção do reino já-ainda-não em Mateus, a ressurreição da menina sugere a ressurreição final dos mortos pelo poder de Jesus. A mulher com hemorragia toma a iniciativa de tocar nas vestes de Jesus para se livrar de sua doença crônica, com a consequente impureza ritual, e para que possa voltar a vivenciar relacionamentos sociais humanos normais. Sua condição pode não ter sido tão desesperadora quanto a da filha do oficial, mas seu desespero deve ter sido profundo após 12 anos sem encontrar alívio.

O verbo usado para sua libertação, sozo , implica uma libertação ainda maior do pecado, que é a causa raiz da enfermidade física. Compare 8:17 e 9:26. No que diz respeito a essas necessidades humanas, o principal ponto da narrativa de Mateus é cristológico, não antropológico. As necessidades humanas são mencionadas apenas para enfatizar, não apenas a compaixão de Jesus por elas, mas também o seu poder.

Jesus é apresentado mais uma vez como aquele cuja autoridade na Terra para perdoar pecados é demonstrada por seus poderosos atos de compaixão. 9:36. Essa apresentação continua nos dois incidentes seguintes, quando cegos e mudos são curados. Nesses dois incidentes seguintes, com essas duas histórias de milagres, o terceiro conjunto de histórias, 9:18-34, chega ao fim.

Nessas histórias, Jesus foi retratado como um curador de lepra, paralisia, febre, possessão demoníaca, cegueira e mudez. Ele até ressuscitou uma menina dos mortos. É preciso lembrar que esses atos não apenas demonstram a compaixão que é destacada a seguir em 9 :35-38, como também demonstram sua autoridade na Terra para perdoar pecados.

9:6. Para Mateus, os milagres não se referem tanto às necessidades humanas, mas sim à graça de Deus para com seu filho Jesus, o Messias. E agora, para resumir o ensinamento sobre discipulado em 9:35-38, Mateus 9:35-38 conclui uma narrativa de histórias de milagres selecionadas, iniciada em 8:1, e, ao mesmo tempo, introduz o capítulo do discurso missionário do capítulo 10. Quanto à estrutura de Mateus 8 e 9, já falamos sobre isso, mas é importante notar como a ênfase em Mateus 8 e 9 nos atos de autoridade de Jesus responde à ênfase em Mateus 5-7 no ensino de autoridade de Jesus.

Assim, Mateus 5-9 apresenta Jesus como o Messias autoritário de Israel, cujas palavras e ações proclamam o governo de Deus. Os resumos quase idênticos em Mateus 4:23 e 9:35 servem como suportes que delimitam esses dois livros, entre aspas, das palavras e ações de Jesus. Ao mesmo tempo, Mateus 4:23-5:2 e Mateus 9:35-10:4 fornecem contexto narrativo para os discursos em Mateus 5-7 e Mateus 10, respectivamente.

Quando se considera Mateus 9:35-38 como um complemento a 4:22-25, torna-se evidente que Mateus 5-9 equivale a uma amostra das palavras e ações autoritativas de Jesus. Tanto seus ensinamentos quanto suas ações demonstram a autoridade do governo de Deus , e suas ações demonstram sua autoridade como Filho do Homem para perdoar pecados. Fica claro que Mateus 9:35-38 desempenha duas funções.

Ele não apenas retrocede até 4:22, mas também avança para o discurso missionário do capítulo 10. Mateus 8 e 9 apresentam três conjuntos de três histórias de milagres, e intercaladas antes e depois do segundo conjunto estão histórias que enfatizam o discipulado. Essas histórias de discipulado preparam o leitor para a necessidade de obreiros missionários, expressa pela dupla metáfora dos pastores de Israel, que trabalharão nos campos de colheita.

Tais obreiros calcularão o custo de servir a Jesus (8:18-22). Talvez venham dos elementos indesejáveis da cultura (9:9-13), e compreenderão a novidade da mensagem do reino de Jesus (9:14-17). Esses são o tipo de obreiros pelos quais os discípulos são instruídos a orar em 9:38. A julgar pelas instruções sóbrias no discurso missionário logo adiante na narrativa, esses obreiros precisarão suportar muita oposição. A oposição que aguarda os discípulos como pastores ceifeiros também é sugerida em Mateus 5-9. Jesus ensina que a retidão de seus discípulos deve superar a dos líderes judeus da época e que seus ensinamentos autoritários têm um impacto poderoso sobre a multidão, que transcende a influência de seus líderes atuais.

Muitos desses líderes serão evidentemente substituídos no banquete escatológico por aqueles que reconhecem a autoridade de Jesus (8:11-12). Alguns desses líderes acreditam que Jesus está blasfemando ao perdoar pecados e o acusam de estar em conluio com Belzebu ao expulsar demônios (9:3-34). Portanto, não é de se admirar que Jesus retrate Israel como ovelhas sem pastor e peça mais ceifeiros. E não é de se surpreender que os líderes atuais se oponham à missão dos discípulos em 10:14, e no capítulo seguinte, Mateus narra como Jesus prepara seus discípulos para enfrentar a crescente oposição já gerada por seu próprio ministério.